

**O QUE RESISTE AO IMPACTO DA PASSAGEM DO TEMPO?**  
**Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação**  
**Rímíni, 12 de abril 2019**

*Anotações da Introdução de Julián Carrón*

Talvez nunca como desta vez tenhamos chegado aqui com a consciência de não sermos nós capazes de fazer durar as coisas bonitas que acontecem na nossa vida. E talvez nunca como hoje tenhamos estado conscientes do quanto somos necessitados de alguém que resista ao impacto da passagem do tempo respondendo à nossa imensurável necessidade de duração.

Portanto, peçamos o Espírito, o único em condições de resistir e de responder a todo o desejo de plenitude que nos constitui.

*Oh! vinde, Espírito Criador*

Vou começar dando leitura da mensagem enviada a nós pelo Santo Padre: «Por ocasião do curso de Exercícios Espirituais que vê reunir-se em Rímíni os aderentes à Fraternidade de Comunhão e Libertação, acompanhados este ano pelo significativo tema “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, o Sumo Pontífice dirige seu cordial pensamento, formulando votos de que a memória do sacrifício de Cristo e da Sua encarnação na história seja a ajuda concreta oferecida por Deus Pai para superar toda e qualquer adversidade e a mediocridade do tempo presente. O papa Francisco, ao convidá-los a escutar os sinais dos tempos e a reconhecer nas múltiplas histórias de santidade a ocasião para a construção da Sua morada no mundo, envia-lhe de coração, por intercessão da Virgem Maria, a implorada bênção apostólica, estendendo-a de bom grado a todos os presentes, a seus familiares e ao Movimento inteiro. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade».

### **1. Uma pergunta que não pode ser eliminada**

Fiquei muito impressionado com o interesse suscitado pela pergunta que nos demos como título destes nossos dias juntos: «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?» Vê-se pelo número de contribuições que vocês mandaram: duas mil. Fico realmente grato a vocês pela ajuda que me deram para o caminho comum. Já aconteceu com os universitários, que diante da mesma pergunta acusaram o golpe. Mas para nós, adultos, a questão adquire um alcance maior, pois temos mais tempo e mais história nas nossas costas, e então mais dados para responder. Por isso decidimos pôr no centro dos Exercícios da Fraternidade a mesma pergunta, afinal nós também temos que fazer a mesma verificação.

Receber a pergunta foi para muitos de vocês como uma surpresa, que suscitou sobretudo uma gratidão. «Eu me senti investida por uma gratidão imensa», escreveu uma pessoa. E outra: «Permita-me agradecer-lhe esta pergunta, que você quis compartilhar com cada um de nós. Ela nos devolveu a consciência de sermos cada um de nós um pedaço do carisma que impactou a nossa vida e que nos faz estar aqui agora levando a sério a sua pergunta». E mais outra: «Com uma gratidão imensa, espero os próximos Exercícios. Meu coração, muito embora cansado, espera. Espera o quê? Ouvi-Lo falar de novo, porque nada preenche meu coração assim e nada desafia minha razão assim, isto é, nada exalta minha humanidade assim! Que graça me ocorreu!»

O interesse despertado em muitos de vocês é o sinal de que a pergunta feita não foi percebida como algo abstrato, mas como uma pergunta existencial, que tocou um nervo exposto em nós, interpelou uma questão crucial da vida, da qual não podemos escapar. O interesse demonstrado indica o quanto sentimos a urgência de algo que dure. E isso impressiona ainda mais, uma vez que

vivemos numa sociedade líquida e, então, deveríamos estar acostumados ao fato de nada durar. Com efeito, um olhar para a situação, para o estilo de vida que caracteriza muitos de nós, jovens e adultos, revela uma labilidade, uma volubilidade, uma dança contínua de percepções contrastantes. Muitas vezes ficamos ao sabor de um turbilhão de afetos, de sentimentos, em que tudo se constrói e se desfaz muito depressa; por consequência, facilmente somos vítimas da decepção. Nada parece perdurar, o tempo consome, esvazia tudo; o que aconteceu ontem perde seu interesse, seu fascínio.

Já o dizia Gaber em sua *Ilógica alegria*: «Eu sei do mundo e também do resto, / eu sei que tudo se deteriora».<sup>1</sup> E Vasco Rossi faz eco às suas palavras: «Nada dura, nada dura, / e você sabe disso».<sup>2</sup>

Mas, se nada dura, por que não nos contentamos, porque tentamos – em vez disso – domesticar ou anestésias a urgência recorrendo a algum fármaco, como Houellebecq fez com o personagem do seu último romance? A serotonina, escreveu, «é um pequeno comprimido branco, ovalado, divisível. Não cria nem transforma; interpreta. Ao que era definitivo torna-o passageiro; ao que era inelutável torna-o contingente. Fornece uma nova interpretação da vida – menos rica, mais artificial, e marcada por certa rigidez. Não dá nenhuma forma de felicidade, tampouco de verdadeiro alívio, sua ação é de outro tipo: transformando a vida numa sucessão de formalidades, permite ludibriar. Portanto ajuda os homens a viver, ou ao menos a não morrer – por algum tempo. A morte, contudo, acaba por impor-se, a armadura molecular se racha, o processo de desintegração retoma seu curso».<sup>3</sup>

A pergunta que ressoa nestes Exercícios não pode ser suprimida, retorna, em sua absoluta inevitabilidade. «Este drama [da vida] [...] – conquanto possa ser tratado como uma brincadeira, e encarado levemente por todos os tipos de cétricos e de felizes ignorantes – é o *único*. E não é possível esquivar-se dele sem abandonar, ao mesmo tempo, a vida. Em suma, o drama é sério; e a nossa vida não é uma farsa, pela simples razão de que é única, e não podemos mudar nossa própria parte: podemos apenas recusá-la.»<sup>4</sup>

## 2. Levar a pergunta a sério é o primeiro gesto de amizade

O primeiro gesto de amizade para com nós mesmos e entre nós é não censurar essa pergunta, é levá-la a sério. O primeiro gesto de amizade de um doente para consigo mesmo consiste em levar a sério a própria doença. É simples. E se você tem um amigo doente, o primeiro gesto de amizade em relação a ele é um convite para que cuide si mesmo. Do lado oposto, há aquele “deixa para lá” que é a demonstração de uma falta de afeição por si mesmo.

Por isso, na primeiríssima página de *Em busca do rosto do homem*, Dom Giussani adverte-nos: «O supremo obstáculo ao nosso caminho humano é a “negligência” do eu». O primeiro ponto de um caminho humano, então, é o «contrário dessa “negligência”», ou seja, um «interesse pelo próprio eu», pela própria pessoa. Um interesse que poderia parecer óbvio, «enquanto na verdade não o é de modo algum»: de fato, é só olhar para o nosso comportamento rotineiro para ver «que grandes rasgos de vazio se abrem no tecido cotidiano da nossa consciência e quão grande é a perda de memória».<sup>5</sup>

A primeira condição a que Dom Giussani nos chama é, desta forma, uma afeição a si, como primeiro gesto de amizade para com nós mesmos. «Se essa [...] afeição ao humano – não afeição ao humano como objeto estético, poeticamente olhado e tratado, mas afeição humana como apego cheio de estima e de compaixão, de piedade, por nós mesmos; a afeição como ter para si mesmo um pouco do apego que sua mãe tinha por você, especialmente quando era pequeno (mas também

<sup>1</sup> A. Luporini (letra); G. Gaber (música), “L’illogica allegria”. In: Idem, *Pressiona bassa*. Milano: Edizioni Curci Srl, 1980. Faixa 5 (3min34s).

<sup>2</sup> V. Rossi, “Dannate Nuvole”. In: Idem, *Sono innocente*. Universal, 2014. Faixa 7 (4min9s).

<sup>3</sup> M. Houellebecq, *Sérotinine*. Paris: Flammarion, 2019, p. 346.

<sup>4</sup> D. de Rougemont, *La persona e l’amore*. Brescia: Morcelliana, 2018, p. 57.

<sup>5</sup> L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 11.

agora, que já é maior) –, se um pouco disso não está em nós, por nós mesmos, é como se faltasse o terreno sobre o qual construir».<sup>6</sup>

Portanto, «a primeira condição para que [...] o Movimento como acontecimento [...] se realize [...] é justamente esse sentimento da própria humanidade: a “afeição por si”».<sup>7</sup> «Eis aqui o início, o primeiríssimo início – escreveu Etty Hillesum –: levar-se a si mesmo a sério [...]. É justamente este o trabalho que se pode realizar também pelo próximo: guiá-lo cada vez mais em direção a si mesmo, capturá-lo e pará-lo em sua fuga para longe de si, e pegá-lo pela mão e voltar a acompanhá-lo até suas fontes que lhe pertencem».<sup>8</sup>

Quem não censura a pergunta, por ter experimentado uma afeição por si, é o único em condições de levá-la a outros. Por isso é amigo verdadeiro quem coloca a pergunta, como a colocou a nós Dom Giussani: «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?»<sup>9</sup> É uma pergunta que nos obriga a ser nós mesmos e não nos deixa escorregar para o nada. Muitos de vocês escreveram isso. Vou ler só algumas das suas contribuições: «Obrigado por ter-me despertado do meu torpor mandando-me a pergunta: “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”» «Pensei que a pergunta que você colocou podia ser de verdade uma pergunta colocada a mim e não “feita só para...”, com o pensamento usual de que, de qualquer forma, alguém vai responder.» «Obrigado por essa sua pergunta, que me “persegue” desde que a li, não me deixando tranquila. Muito obrigada mesmo por como você provoca a nossa liberdade e por como convida cada um de nós a ir a fundo nas próprias circunstâncias.» «Antes de qualquer palavra, queria dizer que essa solicitação dominou os meus dias: companhia profunda quando abria os olhos de manhã e quando os fechava à noite.»

Trata-se de uma pergunta, em última instância, inevitável. Basta que se enfraqueça a experiência que alguém vive com um amigo ou com a pessoa amada para que ela venha à tona, ainda que possa ser formulada com um tom de ceticismo: mas então, se até esta amizade ou este amor caem por terra, o que é que resiste de verdade?

Há uma música de Guccini, *Farewell*, que descreve esse fenômeno. Fala de uma história de amor que acaba: «Naquela época era fácil viver, cada instante», «parecia que tínhamos encontrado a chave / secreta do mundo», «reencontrar-se era como renascer mais uma vez. / Mas toda história tem a mesma ilusão, sua conclusão / e o pecado foi acreditar que uma história normal era especial», «o tempo nos consome e nos tritura».<sup>10</sup>

É uma experiência que também algumas das contribuições de vocês ilustram; por exemplo esta: «A idade me provocou uma dureza maior, uma defesa contra o que acontece para não ter que sofrer. A verdade é que o tempo macera, é um crivo impiedoso que traz à luz o que não se conservou, e me dá muito medo descobrir que não tenha se salvado o suficiente: então estendo uma coberta de esquecimento, cubro, confundo, renuncio até a aproveitar o que é bom, para que as dores desconsoladas não deem as caras nem abram turbilhões que eu não conseguiria mais fechar. Prevalece uma espécie de langor, aconchego-me nos ritos e nos costumes, como fazem os velhos, assim partes da minha vida ficam cuidadosamente de fora. Até a minha experiência no Movimento, com o passar do tempo, tornou-se uma “tia velha” à qual estou afeiçoada, assemelha-se tristemente a um amuleto da sorte, a um anestésico que com o tempo cria uma tolerância e deixa de funcionar. Eu sei que a questão é esta, que quanto mais tento controlar, quanto mais guardo para mim, menos se salva, menos renasce. Sei que tenho que aprender a oferecer justamente o que mais faz mal, o que eu não posso consertar e no máximo consigo esconder, como a gente faz com a sujeira embaixo do tapete».

É a mesma conclusão amarga à qual chegou o gênio poético de Baudelaire: «A juventude não foi mais que um temporal, / aqui e ali por sóis ardentes trespassado; / as chuvas e os trovões causaram dano tal / que em meu pomar não resta um fruto sazonado. / Eis que alcancei o outono de meu

<sup>6</sup> Idem, *Uomini senza patria (1982-1983)*. Milano: Bur, 2008, p. 291.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 294.

<sup>8</sup> E. Hillesum, *Il bene quotidiano*. Cinisello Balsamo (Mi): San Paolo, 2014, p. 44.

<sup>9</sup> Cf. J. Carrón, L. Giussani, “Vivo é algo presente!”. *Passos-Litterae Communionis*, nov. 2018, p. 20.

<sup>10</sup> F. Guccini, “Farewell”. In: Idem, *Parnassius Guccinii*. EMI-BMG, 1993. Faixa 4 (5min16s).

pensamento, / e agora o ancinho e a pá se fazem necessários / para outra vez compor o solo lamacento, / onde profundas covas se abrem como ossários. / E quem sabe se as flores que meu sonho ensaia / não achem nessa gleba aguada como praia / o místico alimento que as fará radiosas? / Ó dor! O Tempo faz da vida uma carniça, / e o sombrio Inimigo que nos rói as rosas / no sangue que perdemos se enraíza e viça!». <sup>11</sup>

É o medo de no fundo tudo virar nada, tudo ser engano e aparência, como diz Montale: «Talvez uma manhã andando num ar de vidro, / árido, voltando-me, verei cumprir-se o milagre: / o nada às minhas costas, o vazio atrás / de mim, com um terror de embriagado». <sup>12</sup>

Guccini, Baudelaire ou Montale não nos deixam voltar para as nossas coisas como estávamos antes, porque nos deparam a urgência da vida: com seu ceticismo ou niilismo, obrigam-nos a acertar as contas ainda mais com a pergunta. Senão vivemos como desesperados. Como descreve Houellebecq: «Desprovido tanto de desejos quanto de motivos para viver [...], eu mantinha o desespero num nível aceitável, é possível viver estando desesperado, e mesmo a maioria das pessoas vive assim, apesar de se perguntarem de vez em quando se podem deixar-se levar por um sopro de esperança [...] antes de responder negativamente. Contudo, insistem, e é um espetáculo tocante». <sup>13</sup>

Mas amigo não é só quem faz a pergunta, também o é quem não recua perante seu alcance, escapando ou distraíndo-se; então não só quem coloca a pergunta, mas também quem a leva a sério. Viemos aos Exercícios para isto: para sermos ajudados a viver na verdade, sem ter que olhar para outro lado por nos assustarmos com tudo, com medo do nada.

«Quem sustenta o meu cansaço e a minha solidão?», perguntou um de vocês, «quem me acompanha numa escolha difícil? Como o meu instante pode ser salvo? Depois de trinta anos de experiências enriquecidas pelo dom da fé, com o tempo, todos os objetivos parciais que estabeleci e estou estabelecendo para mim (alguns que até já alcancei) estão inexoravelmente abrindo espaço para o fato de me colocar essa pergunta. Agora, por menos do que essa pergunta [sem levar a sério essa pergunta], já não me dá vontade de mover nem um dedinho. Nem com a família, nem com o trabalho, nem com os amigos, nem muito menos com os desconhecidos».

### 3. A espera

Vindo aqui, queremos sustentar-nos na luta que cada um de nós está travando entre já não esperar nada e não poder deixar de acertar as contas com o desejo de ser felizes que nos constitui, ou seja, com o desejo de uma felicidade que dure, que não se dissolva no período de um dia ou de uma estação.

Como arde e como está difundido o drama de quem acha que não há resposta para a pergunta humana, e mesmo assim não consegue apagá-la. É o que Tolstói descreve: «O homem olha ao seu redor e procura respostas à própria pergunta, e não encontra. Encontra ao seu redor doutrinas que dão respostas a perguntas que ele nunca se faz, mas uma resposta à pergunta que ele se faz não existe [...]. E [...] sente-se sozinho ante um mundo inteiro, com essas terríveis perguntas que lhe devoram a alma». <sup>14</sup> Sozinho.

Às vezes percebemos até nos amigos o medo de determinadas perguntas, como me escreveu uma pessoa: «Apesar de tudo o que vivi, escutei e vi, neste momento em que você me faz a pergunta eu estou me distraíndo para não me desesperar, porque o peso da vida é forte demais, principalmente o medo de que as coisas não sejam eternas, que escapem; o tempo passa e nada permanece. Quando abordo essas questões com meus amigos, sinto-me um marciano, alguém que “fica perdendo tempo

<sup>11</sup> C. Baudelaire, “O inimigo”. In: Idem, *As flores do mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

<sup>12</sup> E. Montale, “Talvez uma manhã andando num ar de vidro”. In: Idem, *Ossos de sépia: 1920-2017*. Tradução de Renato Xavier. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 91.

<sup>13</sup> M Houellebecq, *Sérotonine*, op.cit., p. 236.

<sup>14</sup> L. Tolstói, *Sulla vita*. Milano: Feltrinelli, 2018, p. 78.

com o sentido da vida e que tem medo da morte”; então fico para trás, ensimesmado, parece não haver nada que resista ao impacto da passagem do tempo».

Mas é justamente essa pergunta, que devora a alma, o que leva Borges a buscar incansavelmente o que pode responder a ela: «E o seguirei buscando até o dia / último de meus passos pela terra»,<sup>15</sup> comprometendo-se deste modo a permanecer leal até o fundo consigo mesmo.

Às vezes pode até parecer uma loucura colocá-la. No entanto, a urgência de que estamos falando é tão constitutiva, que, a despeito de qualquer aparente bom senso, o homem leal, em última instância, não pode subtrair-se a ela. Por isso Camus rebela-se e afirma, grita a verdade dessa inelutável urgência, através da voz de seu Calígula: «Mas eu não estou louco e nunca fui tão razoável. Simplesmente senti, repentinamente, uma necessidade de impossível. [...] As coisas, como são, não me parecem satisfatórias. [...] Este mundo, tal como foi feito, não é suportável. Por isso preciso da lua, ou da felicidade, ou da imortalidade; enfim, de algo que talvez seja insensato, mas que não seja deste mundo».<sup>16</sup>

A dificuldade em encontrar resposta leva a nos perguntarmos se o que buscamos não é um sonho. O poeta espanhol Antonio Machado não só tem a audácia de se fazer essa pergunta com seriedade, mas indica a condição para poder identificar os sinais, caso chegassem, de uma resposta: um coração desperto, que olha e que escuta. Ele escreve: «Dormiu-se meu coração? / Apiários de meus sonhos, / já não lavrais? Está seca / a roda d’água do pensamento, / os baldes vazios, / girando, de sombra cheios? / Não, meu coração não dorme. / Está desperto, desperto. / Nem dorme nem sonha, olha, / os claros olhos abertos, / longes sinais e escuta / às orlas do grande silêncio».<sup>17</sup>

Quando é levada a sério, a vida leva-nos aí, às orlas do grande silêncio, ou seja, do Mistério, diante do qual podemos apenas ficar com os olhos claros, abertos, límpidos, esperando algum sinal do próprio Mistério, ficando à escuta de um sinal dele. Só quem está nessa posição de abertura original é que pode captar, quando aparece, a irrupção de uma resposta ao desejo do coração, reconhecer os sinais de sua manifestação. Fazer a pergunta, deixar que ela prorrompa, deixa-nos atentos para surpreender qualquer migalha de resposta, onde quer que esteja.

Expressa-o bem uma poesia de Patrizio Barbaro: «O olho olha. [...] É o único que pode perceber a beleza [...] a beleza vê-se porque é viva, e portanto é real. Melhor dizendo, que pode chegar a vê-la. [...] O problema é ter olhos e não saber ver, não olhar para as coisas que acontecem. [...] Olhos fechados. Olhos que já não veem. Que já não são curiosos. Que não esperam que aconteça mais nada. Talvez por não acreditarem que a beleza exista. Mas Ela passa pelo deserto dos nossos caminhos, rompendo o limite finito e preenchendo os nossos olhos de infinito desejo».<sup>18</sup>

#### 4. O imprevisto

A beleza passa, acontece, sem nos pedir permissão, desafiando todo ceticismo, todo niilismo. E se estamos atentos, conseguimos captá-la. Tudo o que nos é pedido, portanto, é estarmos atentos para surpreendê-la quando passa. «Não é por meio de escrúpulos – escreve, com efeito, Camus em seus *Cadernos* – que um homem se torna grande. A grandeza chega, se Deus quiser, como um belo dia».<sup>19</sup>

A nossa vida toda joga-se em captar o momento em que a beleza passa na frente dos nossos olhos. Como posso reconhecer que eu a percebi? Vejo-o porque de repente escancara os meus olhos, despertando o meu desejo.

<sup>15</sup> J. L. Borges, “Cristo na cruz”. In: Idem, *Os conjurados*. Tradução de Pepe Escobar. São Paulo: Três, 1985, p. 7.

<sup>16</sup> Cf. A. Camus, *Calígula: peça em quatro actos*, ato I, cena IV. Tradução de Raul de Carvalho. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

<sup>17</sup> A. Machado, “¿Mi corazón se ha dormido?”, LX, Soledades (1899-1907). In: *Poesías completas*. Madrid: Espasa Libros, 1999.

<sup>18</sup> P. Barbaro, “Ah uno sguardo – dedicata a Pasolini”. In: F. Pierangeli (Org.), “Una domanda a cui non so rispondere”, *30Giorni*, n. 11, 2000.

<sup>19</sup> A. Camus, *Taccuini. III, 1951-1959*. Milano: Bompiani, 1992, p. 34.

Mas qual é a beleza mais necessária? É acontecer uma preferência, a preferência última que todos esperamos experimentar. Porque a preferência é o método de todo despertar, de todo resgate, de toda geração do humano, do eu.

Um de vocês contou: «Um ano atrás, contratamos uma jovem professora para ensinar na escola primária. Ela vive a mesma condição de confusão de muitos jovens, em particular a angústia originada por nunca estar à altura das circunstâncias. Num dia desses, ela veio até mim e me contou que desde que entrou na escola se sente pior do que antes, porque estão se abrindo muitas perguntas e muitas feridas. Eu lhe disse que, então, ela estava no melhor momento da sua vida, que as perguntas e as feridas se abrem diante de algo que em alguma medida já nos oferece uma esperança. Ela me disse que não, que as feridas são muito dolorosas, e que antes, pelo menos, ela tinha uma couraça, sendo que na escola ela perdeu essa couraça. Naquele momento me contou sua história, com todas as tribulações sofridas. Depois foi passar um curto período na escola Newman, onde chegou a trabalhar dois dias. Voltando, ela me disse: “Na Newman me aconteceu alguma coisa. Algo que não sei o que é. Mas as pessoas perceberam, porque me dizem. Dizem que estou mais feliz e mais tranquila. Meus colegas e meus parentes dizem isso. Eu também vejo que alguma coisa aconteceu comigo. O quê? Não me diga que é Deus, porque não posso aceitar”. Eu lhe disse que não pensasse ainda em Deus, mas que fosse leal até o fundo com a sua experiência. Ela me perguntou: “Por que é que isso aconteceu comigo? Aqui há muitos que não creem, a quem não aconteceu nada. Será que é por causa da necessidade que tenho, da ferida aberta que tenho?”»

Pois bem, a beleza que passa no deserto dos nossos caminhos é percebida por quem realmente tem necessidade, por quem tem essa ferida e essa pureza.

Como é fácil reconhecer a beleza – isto é, a evidência de uma preferência que desperta o nosso eu – quando acontece! É um sermos escolhidos que faz com que nos tornemos nós mesmos. Como diz uma poesia de Pedro Salinas: «Quando tu me escolheste / – foi o amor que escolheu – / saí do grande anonimato / de todos, do nada [quando o tu aparece é como se nos tirasse do nada] [...]. / Mas quando me disseste: “Tu” / – a mim, sim, a mim, entre todos – / mais alto agora do que estrelas / ou corais eu estive [tu me levas até as estrelas]. / E minha alegria / pôs-se a rodar, amarrada / ao teu ser, no teu pulsar. / Posse de mim tu me davas, / dando-te a mim. / Vivi, vivo. Até quando? [...] / Serei um dos muitos / quando não mais te tiver»,<sup>20</sup> de tão decisivo que és para eu ser eu mesmo.

Então a grande questão que temos à frente, amigos, é esta: será que há algo, será que aconteceu algo na nossa vida que se distingue de tudo o que não dura e perde seu interesse para nós? «Eis – escreve Kierkegaard em seu *Diário* – o que é importante na vida: ter visto uma vez alguma coisa, ter sentido uma coisa tão grande, tão magnífica, que qualquer outra parece um nada em comparação com ela e que, ainda que nos esquecêssemos de todo o resto, nunca nos esqueceríamos desta».<sup>21</sup>

Portanto, trata-se de olhar para tudo o que nos aconteceu para vermos se algo se revelou capaz de durar, de resistir ao esvaziamento operado pela passagem do tempo. Será que já aconteceu algo, alguém na nossa vida que demonstrou resistir ao impacto do tempo? Será que houve algo que foi capaz de prender a nossa vida de maneira estável? É a grande questão com que cada um de nós tem que se confrontar, olhando para a própria experiência, se não quiser ver tudo ir ladeira abaixo.

Montale chama o «algo» de que falamos de «imprevisto»: «Um imprevisto / é a única esperança». Mas muitos afirmam que «é tolice dizê-lo»,<sup>22</sup> e às vezes nós também achamos isso.

Todavia, ninguém poderá impedir que algo de novo apareça diante dos nossos olhos – porque há mais realidades no céu e na terra do que em qualquer filosofia nossa, de acordo com a fórmula do grande Shakespeare<sup>23</sup> –: algo que «não podia existir e está aqui», dizia Giussani em 1968, algo que

<sup>20</sup> Cf. P. Salinas, *A voz a ti devida*. Tradução de José Jeronymo Rivera. Brasília: Thesaurus, 2012.

<sup>21</sup> S. Kierkegaard, *Diário. I (1834-1849)*. Brescia, Morcelliana, 1962, p. 239.

<sup>22</sup> E. Montale, “Antes da viagem”, vv. 22-27. Tradução de David Mourão-Ferreira. In: *Revista Colóquio/Letras*. Tradução de poesia, n. 165, set. 2003, p. 150.

<sup>23</sup> “Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha tua vã filosofia” (Cf. W. Shakespeare, *A tragédia de Hamlet: príncipe da Dinamarca*. 3. ed. rev. Tradução de Péricles da Silva Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1976, p. 58 (ato I, cena V, linhas 166-167).

«não podia existir porque nunca pensamos nisso, não podíamos pensar nisso [nem sequer imaginar], e está aqui».<sup>24</sup>

Se viemos a Rímini, é porque pelo menos uma vez, pelo menos num determinado momento, aconteceu-nos esse «imprevisto», que prendeu a nossa vida até o ponto de nos fazer participar de um gesto como este. Se viemos aqui, é porque ainda estamos abertos para a possibilidade de encontrar aquele «tu» que nos fez sair do anonimato, que tornou cada um de nós verdadeiramente ele mesmo, único. Muitos de nós esperam a renovação desse encontro.

Pelo menos uma vez, pelo menos num determinado momento nos aconteceu algo do qual temos saudades. Um de vocês descreve assim: «Penso na pergunta que nos foi mandada: “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?” Bela pergunta! Situações em família que nunca mudam, mais ainda, que parecem cavar um fosso cada vez mais profundo para se afundar. Relações e estruturas que parecem consolidadas, mas das quais, no fundo, parece que não podemos ter nenhuma segurança. Não podemos porque ninguém pode garantir que não vai fazer tão mal a alguém a ponto de ter o perdão recusado; ou que, pelo curso natural das coisas, até as amizades mais profundas cedo ou tarde não acabem ferindo ou decepcionando ou deixando-nos abandonados. E não há estrutura que a violência nossa ou dos outros não possa fazer em pedaços, segundo um ideal próprio de revolução e justiça. Além disso, basear-se nas próprias energias humanas ou na própria bondade está no limite do ridículo. Sinceramente, de vez em quando olho para minha vida e a percebo como um imenso sepulcro. E ultimamente passam dias inteiros em que me sinto assim. E para mim é igualmente ridículo dizerem: “Ah, que bonito, agora vou aos Exercícios e me dirão o que resiste ao impacto da passagem do tempo, depois vou voltar para casa e tudo vai ser diferente”. Então por que é que eu venho? Venho, acho, pela única coisa que me parece poder definir uma constante: uma última e indestrutível atração por algo que vive no Movimento e do qual não consigo separar-me. Venho para procurar a única coisa de que realmente tenho saudades».

Por isso, amigos, peçamos que cada um de nós seja novamente alcançado, em qualquer situação que esteja, pelo olhar do Senhor, por aquela preferência que o fez renascer, a fim de que possa experimentar o quanto a sua vida é preciosa e que não está condenado a vê-la escorregar para o nada.

Peçamos, portanto, para sermos mais uma vez investidos por aquela preferência última que o nosso coração espera: «És muito precioso para mim»;<sup>25</sup> você, não outra pessoa, não alguém diferente de você; você agora, tal como é, não quando mudar! Agora! Você não está condenado a escorregar para o nada! De tanto que é precioso aos olhos d’Ele.

O instrumento do compromisso que pedimos nestes dias é o silêncio. Por isso, ajudemo-nos uns aos outros com a nossa seriedade, antes de tudo respeitando o silêncio. De fato, dizia Dom Giussani: «Vamos passar praticamente pouco mais de um dia juntos para um momento de maior verdade da nossa vida. Fizemos muitos sacrifícios, inúmeros entre vocês fizeram grandes sacrifícios para vir; vamos tentar tirar a maior vantagem possível, vamos tentar extrair a alegria de um momento de familiaridade com o Senhor mais pleno do que os melhores dias do nosso ano. É um compromisso [...] que temos que assumir, para garantir um resultado realmente bom [...]. O instrumento para esse compromisso é o silêncio. [...] O silêncio, com efeito, não é um nada, [...] é uma oração, é a consciência de estar diante de Deus, [...] é um pedido». Por isso, «até os livros que nos são propostos podem ser comprados em silêncio»,<sup>26</sup> apoiando-nos mutuamente. «Recomendamos o silêncio principalmente durante os traslados; que o silêncio absoluto também seja conservado enquanto se entra no salão, onde a memória será favorecida pela música que vamos escutar e pelos quadros que vamos ver; assim nos disporemos a olhar, a escutar, a sentir com a mente e com o coração o que de algum modo Deus nos propuser». Porque «o que fazemos juntos neste dia e meio

<sup>24</sup> J. Carrón, L. Giussani, “Vivo é algo presente!”, op. cit., p. 26.

<sup>25</sup> Is 43,4.

<sup>26</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*. Milano: Bur, 2018, pp. 211-213.

não é mais que um aspecto do grande gesto amoroso com que o Senhor – quer você se dê conta, quer não – empurra a sua vida [e a minha] para aquele Destino que é ele».<sup>27</sup>

O silêncio, então, é para olhar bem essas coisas (quando alguém tem úlcera no estômago, não a resolve deixando de considerá-la, continua com ela mesmo assim, e não encarar o problema só deixa a sua vida mais pesada, insuportável).

Temos a possibilidade de estarmos juntos, de podermos olhar para tudo sem medo, como os publicanos que iam até Jesus porque com Ele podiam ser eles mesmos, não precisavam estar à altura, eram abraçados tais como eram.

O silêncio – pelo menos uma vez no ano deixemo-lo entrar em nós até a medula! –, a oração, o canto, as indicações que nos daremos não são diretrizes formais, mas sugestões para que todos nós vivamos este gesto com a seriedade que a vida requer.

Podemos viver muito bem, amigos, mas precisamos querer.

---

<sup>27</sup> Idem, “Dare la vita per l’opera di un Altro”. Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rímimi, 8-10 de maio de 1992. Suplemento de *CL-Litterae Communionis*, jun. 1992, p. 5.